

Adoção: sobram candidatos, faltam crianças

Cada vez há mais casais desejosos de adotar e cada vez há menos crianças dadas em adoção. Se antes a escassez de crianças adotáveis nos países desenvolvidos era compensada pelo recurso à adoção no estrangeiro, agora também isto é mais difícil.

O número de adoções internacionais em todo o mundo baixou de 45.299 em 2004, para 23.597 em 2011, o que significa uma descida de 48%. Antes de analisar as causas desta diminuição, convém recordar dois princípios internacionalmente reconhecidos que têm a ver com a adoção. O primeiro destaca que deve prevalecer, sempre e sobre tudo o resto, o interesse superior da criança. O segundo, expresso na “Convenção de Haia” de 1993, insta a que se dê preferência às adoções dentro do próprio território nacional.

Para a maioria dos especialistas, a diminuição das adoções internacionais relaciona-se com o aumento dos controlos, e com o facto de ter baixado o número de menores em situação de desamparo suscetíveis de serem acolhidos. Alguns especialistas como Elizabeth Bartholet, professora da Universidade de Harvard, consideram que excessivas exigências podem castigar muitos menores, os quais, na prática, se veem obrigados a passar mais tempo em orfanatos, ou vendo fechar-se a possibilidade de virem a ser adotados.

O “Le Monde” (18.2.1013) informa que, em França, foram adotadas 2.000 crianças estrangeiras em 2011, e somente 1.569 em 2012, segundo estatísticas da Secretaria dos Negócios Estrangeiros francesa. Com a exceção do ano de 2010, marcado pela chegada de muitas crianças haitianas depois do terramoto de janeiro, o número de adoções internacionais diminuiu em França de maneira constante desde 2006, quando houve 4.000 adoções.

Os candidatos a adotar enfrentam condições mais difíceis no estrangeiro, e também em França, onde há um pequeno número de crianças francesas legalmente disponíveis para a adoção (atualmente, cerca de 750). Estas últimas nasceram sob o anonimato da mãe (algo possível na legislação francesa), ou foram objeto de um “desinteresse manifesto” dos seus pais, uma situação raras vezes reconhecida pela Justiça.

Talvez por os possíveis candidatos considerarem difícil, os pedidos de adoção diminuíram 19% entre 2010 e 2011, segundo o Observatório nacional francês da Infância em Risco. Há mais de 24.000 casais aprovados como potenciais adotantes e à espera de uma criança para adotar.

Estes números revelam que o debate atual, em França, sobre o direito à adoção por parte de casais homossexuais, não responde a uma necessidade social de encontrar pais para crianças abandonadas, mas a um desejo destes casais se assimilarem aos outros.

Se tal aspiração se tornar realidade, a primeira consequência é que se vai fechar a possibilidade de adoções internacionais em países que não estão dispostos a ceder as suas crianças a casais do mesmo sexo.

A China e a Rússia, os principais países de origem, endureceram as condições para as adoções internacionais nos últimos anos, por razões éticas e jurídicas mas, também, devido ao seu progresso socioeconómico. A Rússia tomou a decisão política de proibir que crianças russas sejam adotadas por norte-americanos, em retaliação de uma medida norte-americana que proíbe a entrada no país a russos acusados de violações de direitos humanos. A Rússia advertiu também que o reconhecimento da adoção por parte de casais homossexuais, na Grã-Bretanha e em França, restringiria a possibilidade de confiar crianças russas aos naturais destes países.

A China é o país do mundo com mais crianças entregues para adoção internacional: quase 80.000 entre 2003 e 2011. Mas desde 2005, os números de adoções internacionais baixaram de 13.000 para 4.000. As autoridades endureceram as condições exigidas às famílias estrangeiras, com requisitos como os adotantes não poderem ter mais de 50 anos, não serem homossexuais, nem famílias monoparentais. A China, juntamente com o Vietname, exige agora “declarações de não homossexualidade” para as famílias adotivas, como sublinhou recentemente a Agência Francesa para a adoção. O Haiti, por seu turno, já rejeitou as adoções a cargo de um só adulto. Enquanto que este país insular foi até 2009 o primeiro de origem para adoções em França, somente 49 haitianos foram adotados em França no ano de 2012.

É importante respeitar as condições de adoção nos países de origem, para evitar posteriores problemas. Assim, observa-se que os países cuja legislação proíbe a adoção por parte de

homossexuais começam a revogar sentenças de adoção de pessoas que ocultaram a sua condição de homossexuais no momento do procedimento.

Inclusivamente, alguns países estão a fechar as suas fronteiras à adoção por motivos religiosos: fizeram-no ultimamente Marrocos e o Mali. Os países muçulmanos não contemplam exatamente a figura jurídica da adoção, mas sim a da tutela (*kafala* em árabe) concedida a quem contraiu um casamento. Antes, a *kafala* transitava em julgado passado pouco mais de um mês. Em 2011, 254 famílias espanholas, entre elas algumas pessoas solteiras, conseguiram ficar com filhos marroquinos. Pouco depois da chegada ao Governo do Partido da Justiça e do Desenvolvimento (islamista moderado), as *kafalas* foram dificultadas. Há alguns meses, o ministro da Justiça, Mustafá Ramid, enviou uma circular aos fiscais exortando-os a oporem-se à entrega de bebés a estrangeiros “se estes não residirem habitualmente no território nacional”. O ministro Ramid quer assim que os juizes de menores possam “acompanhar e controlar” o que acontece com a criança adotada. Suspeita que vivendo na Europa, os tutelados não cumpram as condições da *kafala*, que obriga a manter a filiação da criança, a sua religião muçulmana e a sua nacionalidade. Se as crianças permanecerem em Marrocos, aí é possível comprovar.

Adotar um bebé é o mais desejado, mas também o mais difícil. Pelo contrário, há mais facilidades para adotar crianças de idade relativamente alta (mais de 3 ou 4 anos), ou crianças enfermas ou deficientes. As crianças de 5 a 7 anos representavam 13% dos adotados em França no ano de 2012, contra 10,73% em 2011, e as com mais de 7 anos eram 16,65% (2012) contra 14,28% (2011).

A China, ao mesmo tempo que endureceu as condições para as famílias estrangeiras que querem adotar crianças sãs, suavizou-as para aquelas que optam por crianças com deficiências ou “necessidades especiais”.

A Espanha é um dos países que mais adotam no estrangeiro, mas o número de adoções internacionais baixou de 5.500 em 2004, para 2.560. Os principais países de origem – Rússia, Etiópia, China e Colômbia, do maior para o menor – endureceram as suas condições, ou têm menos crianças para adotar.

Jesús Palacios, catedrático de Psicologia Evolutiva da Universidade de Sevilha, declarou ao “El País” (8.1.2013), que agora a tendência é que as crianças adotadas sejam de idades algo superiores e apresentem mais dificuldades (de tipo médico, psicológico...). “É isso, logicamente, choca com os desejos de muitas famílias, cuja meta é um bebé o mais pequeno e o mais são e sem problemas possível”.

O número de adoções de crianças espanholas também baixou, de 850 em 1997, para 650 em 2008. A legalização do aborto em 1985, que levou a que haja hoje um aborto por cada quatro nascimentos, restringiu cada vez mais o número de crianças disponíveis para adoção.

A adoção tornou-se hoje mais difícil. Perante as necessidades urgentes das crianças e a procura não satisfeita de mães e pais, parece prudente não introduzir fatores que compliquem ainda mais os processos de adoção.

J. I. M.

A maior ONG do mundo é do Bangladesh

A BRAC é a maior organização não governamental de cooperação para o desenvolvimento do mundo, com quase 120.000 empregados e 126 milhões de beneficiários. Opera a partir do Bangladesh, mas está presente num total de 10 países de África e Ásia.

Começou a sua caminhada em 1972, pouco depois da independência do Bangladesh. Sob o nome de Bangladesh Rural Advancement Committee, nasceu, em princípio, para ajudar no trabalho com refugiados após a guerra da independência. No entanto, o seu campo de ação foi-se ampliando cada vez mais; geograficamente, no número de beneficiários e nos setores onde intervém.

O objetivo da organização é a luta contra a pobreza e, para isso, procuram a inovação. Profissionalizam os setores onde intervém e favorecem a educação, para que cada vez sejam mais autónomos. Por exemplo, foram eles que inventaram o sistema de microcréditos, no qual a seguir se especializou o Grameen Bank de Muhammad Yunus, e que está já a estender-se por todo o mundo.

A BRAC soube entender as necessidades das pessoas sem recursos, encontrando formas práticas de aumentar o seu acesso às mesmas. O seu trabalho consiste em possibilitar que toda a gente tenha a oportunidade de desenvolver o seu potencial, e é tão amplo como o são os campos que foi desenvolvendo ao longo destes 40 anos: 38.000 escolas primárias que educam 1,1 milhões de crianças do Bangladesh, fábricas de laticínios, serviços de saúde, um fornecedor de serviços de Internet... O conjunto do seu trabalho gera cerca de 3% do PIB do Bangladesh. Os lucros das suas atividades servem para financiar os programas de desenvolvimento, que dependem, em 80%, de fundos do país.

Os efeitos deste “investimento” de capital económico e humano não param de se multiplicar. Por exemplo, graças ao seu sistema de saúde, entre 1990 e 2010, a esperança de vida aumentou em 10 anos - de 59 para 69 - no Bangladesh, e a mortalidade infantil diminuiu de 285.000 para 75.000.

A ideia base da BRAC é envolver a população local para encontrar soluções locais com essas pessoas. O sucesso dela

revolucionou a abordagem do desenvolvimento e pode vir a dar a volta ao modelo tradicional, até agora implementado pelas ONGs ocidentais nos países subdesenvolvidos.

O seu currículo em 140 caracteres

Embora ainda não tenha desalojado outras redes sociais como o LinkedIn, cada vez mais o Twitter se está a converter numa ferramenta útil para procurar trabalho. De modo a contornar os complicados processos de seleção, alguns utentes descobriram que podem chamar a atenção das empresas com mini currículos de 140 caracteres, ou brevíssimos vídeos enviados através do serviço Vine do Twitter.

O “The Wall Street Journal” (em “The New Résumé: It’s 140 Characters”, 9.4.2013) conta o caso de Dawn Siff, uma jornalista desempregada que obteve emprego graças a um vídeo de seis segundos (a duração máxima permitida pelo Vine). Nele, Siff apresenta-se como “jornalista, estratega, gestora, jedi, máquina de ideias” mostrando vários objetos: um cubo de Rubik, uma lâmpada, uma espada laser...

Siff não é uma recém-chegada ao mundo da comunicação: trabalhou na Fox News e tem 15 anos de experiência profissional. Antes de lançar o vídeo, tinha procurado trabalho durante seis meses. Mas este currículo, de seis segundos, conseguiu um efeito que não tinha obtido antes.

É neste aspeto que o Twitter pode jogar as suas cartas: redigido com inteligência e criatividade, um *tweet* de 140 caracteres ou um vídeo expresso, podem servir de anzol para se tornar visível perante os profissionais de recursos humanos. Depois, logicamente, virão os telefonemas e a entrevista pessoal.

Algumas empresas já estão a utilizar o Twitter para ficar com uma ideia de como são e como pensam os candidatos. “Observo como interagem as pessoas umas com as outras; quais são as suas opiniões; quem são os seus melhores amigos no Twitter; se têm ou não sentido de humor”, explica ao “Wall Street Journal”, Jocelyn Lai, caça-talentos da empresa de publicidade GSD&M de Austin (Texas).

Outras utilizam-no para analisar a capacidade de influência dos candidatos no Twitter. Em Espanha, o portal Terra utilizou esta rede social como primeira fase de seleção num concurso para *bloggers*. Os que aspiravam a conseguir um *blog* remunerado neste portal, tiveram de mobilizar os seus seguidores durante um dia inteiro; os 10 com mais menções e *retweets* passaram à fase final.

A Enterasys, uma empresa que promove a segurança na rede, também se serviu do Twitter num processo de seleção para comprovar o impacto social dos candidatos. Depois de promover a *hashtag* #socialCV, só prestou atenção aos que fizeram *tweet* com essa *tag*. Outro requisito: ter mais de 1.000

seguidores. Isto serviu à Enterasys para estabelecer um primeiro filtro do qual saíram quinze candidatos finalistas. “A *web* é o teu CV, e as redes sociais as tuas referências”, diz o seu diretor de marketing, Vala Afshar.

O “I Informe Infoempleo sobre Redes Sociales y Mercado de Trabajo en España #empleoyredes”, realizado pela Infoempleo em colaboração com a Adecco, confirma a crescente importância das redes sociais como ferramenta complementar para procurar trabalho: 80% dos responsáveis de seleção entrevistados, dizem ter consultado a atividade dos seus candidatos nas redes. Por seu turno, 50% dos candidatos declaram ter procurado emprego nas redes; deles, 45% foram contratados graças a este meio.

“O Deus da Carnificina”

“Carnage”

Realizador: Roman Polanski

Atores: Jodie Foster, Christoph Waltz, Kate Winslet

Duração: 80 min.

Ano: 2011

Este filme baseia-se no livro de Yasmina Reza com o mesmo título, onde se faz um retrato cru da degradação a que podem chegar as relações humanas por falta de comunicação, frustrando os projetos em comum...

Duas crianças envolvem-se em confrontos. Uma fica ferida com gravidade. Os pais delas resolvem encontrar-se para ajudar a resolver a questão. É assim que tudo começa. Os quatro adultos reúnem-se em casa de um dos casais e procuram esclarecer o que se passara. O que seria um encontro rápido, já que todos são “profissionais ocupados”, transforma-se numa ocasião para desabafar, pois há “espaço” para falar. De início não existe muita franqueza, mas com o passar do tempo, ganham à vontade e os casais abordam situações mal resolvidas e que já há muito deveriam ter sido discutidas. O problema das crianças passa para segundo lugar. O que está em jogo são as questões essenciais dos adultos, em especial os problemas de comunicação. Há uma cena com o “espaço ocupado” por um telemóvel que é reveladora das verdadeiras prioridades de uns e outros... Há momentos hilariantes e outros dramáticos. A conversa permite

identificar problemas e propor soluções. Cada um vai compreendendo melhor a realidade que construíra... No final, as crianças entendem-se, e se os adultos tivessem logo falado com elas, teriam poupado um encontro... mas que, no entanto, foi útil para eles e ainda mais para nós!

Tópicos de análise:

1. Um problema simples mas mal resolvido, vai-se agigantando...
2. Não dizer o que se pensa e se sente, cria uma frustração paralisante.
3. A confiança cresce quando as questões se explicam de modo claro.

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

